



DISTÂNCIAS...

*não possa tanta distância
deixar entre nós
este sol
que se põe entre uma onda
e outra onda
no oceano dos lençóis*

*Paweł Jędrzejko
RIAS Associate Editor
University of Silesia
in Katowice, Poland*

Paulo Leminski

Eu não escolhi abrir a presente nota editorial com um poema de Paulo Leminski porque sou polonês; e, para ser sincero, tampouco o fiz devido ao fato de ele ser brasileiro. Fiz isso porque a sensibilidade profundamente empática de Leminski, pulsando na linguagem, parece ressoar com perfeição o teor desse inovador número da *Review of International American Studies*. Feito por eminentes colegas, intelectuais excelentes e cuidadosos como Alice Áurea Penteadó Martha, Elizabete Sanches Rocha, Ricardo Portella de Aguiar, Virna Lígia Fernandes Braga e Márcio Roberto do Prado, essa edição da *RIAS* aborda aquele que talvez seja o valor mais importante nesse mundo sempre dilacerado pelos desumanos vendavais da História: nosso potencial para entender.

A inefável palpabilidade da experiência corriqueira daquilo que Martin Heidegger descreveu como *Sorge* transcende os oceanos. O distante, o longínquo, torna-se estranhamente familiar quando visto através da delicada tessitura dos textos entrelaçados. A metáfora ondulante de Leminski, tão 'têxtil', captura-nos em sua teia cuidadosamente tecida: os *lençóis*, no fim das contas, remetem tanto ao contexto hídrico quanto à roupa de cama. Em ambos repousamos nossos amores, medos e desejos; enredadas entre os lençóis todas as aporias naufragam e se rendem. Os lençóis brancos tornam-se confidentes de nossas sensações inefáveis. Remorso *e pânta rei*. A raiva da conquista sem fim e o nascimento de mitologias que resistem à imposição de paradigmas (neo)coloniais. Nossos traumas

de passados violentos, presentes esperançosos, futuros incertos. Nossa perplexidade frente à experiência quântica do real fundindo-se sem pudor no virtual para, no fim das contas, desafiar o *continuum* espaço-temporal. Nosso egoísmo e nossa solidariedade, nossa ganância e nossa responsabilidade cívica, nosso medo e nossa coragem. Nossos diálogos sobre intraduzibilidade. Tudo isso, visto através da lente do discurso do Brasil, costura a riquíssima textura do tecido cultural do nosso mundo, que, através desse discurso, torna-se tangível. O tom quente e aveludado do português brasileiro oferece um (pre)texto mais que bem-vindo para que todos nós possamos submergir em uma mútua, thoreauiana, experiência de escuta. Ouvindo atentamente, para não perder nenhuma palavra dita por um amigo do outro lado da lagoa. Uma lagoa muito maior, embora, talvez, muito menor do que a lagoa de Walden jamais poderia ser.

A *RIAS*, mais uma vez, oferece-nos uma chance de nos surpreendermos ouvindo. Existência encarnada: estética e essência casadas em um ato de poesia silenciosa que não se limita a comentar sobre os (e)ventos contra os quais a bondade humana pode ser o único escudo, farol e porto seguro. Abraçando o Brasil de Alice Áurea Penteado Martha, Elizabete Sanches Rocha, Ricardo Portella de Aguiar, Virna Ligia Fernandes Braga e Márcio Roberto do Prado, nós nos sintonizamos com um comprimento de onda para além da dialética de semelhança e diferença. Vemos nossos próprios rostos refletidos no espelho do mar, entre os lampejos de sol, virando as páginas, o leito do papel em branco. A poesia de Leminski tem muito a ver com ouvir o que sussurra do outro lado da lagoa: torna toda distância minúscula, ainda que reconheça sua importância. Tudo que ecoa na distância é um convite.

Vamos ouvir.

Distâncias Mínimas
um texto morcego
se guia por ecos
um texto texto cego
um eco anti anti anti antigo
um grito na parede rede rede
volta verde verde verde
com mim com com consigo
ouvir é ver se se se se se
ou se se me lhe te sigo?

Paweł Jędrzejko

(E)ventos

RIAS VOL. 9, SRPING-SUMMER Nº 1/2016